

VULNERABILIDADE AO ESTRESSE ENTRE PROFESSORES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

STRESS VULNERABILITY AMONG FACULTY MEMBERS OF A PUBLIC UNIVERSITY

*Maria Márcia Bachion**
*Ludmila de Ornellas Abreu***
*Lorany Ferreira Godoy***
*Efraim Carlos Costa***

RESUMO: Quando uma pessoa está num período de vulnerabilidade poderá sofrer efeitos deletérios do estresse. Este estudo objetivou estimar a vulnerabilidade ao estresse entre professores universitários e estudar a relação entre vulnerabilidade e algumas características sociodemográficas dos docentes. Participaram 71 professores de uma universidade pública do centro-oeste brasileiro, em 2002. Foi aplicado inquérito sociodemográfico e escala de vulnerabilidade ao estresse. A maioria (76,1%) dos sujeitos apresentou baixa vulnerabilidade ao estresse, 21,1% revelaram moderada vulnerabilidade e 2,8% demonstraram alta vulnerabilidade. Constatou-se tendência à maior vulnerabilidade em mulheres, docentes com até 40 anos de idade, sem companheiro, com três ou quatro áreas de atuação e que possuem somente especialização.

Palavras-chave: Docente; ensino universitário; estresse; saúde do trabalhador.

ABSTRACT: When a person is living a period of vulnerability, he/she can experience the harmful effects of stress. This study aimed at assessing stress vulnerability among faculties and at studying the relationship between vulnerability and some socio-demographic characteristics of the subjects. Seventy-one faculty members of a public university in the Brazilian Midwest participated in the study, in 2002. Subjects completed a socio-demographic questionnaire and the stress vulnerability scale. The majority of the subjects (76,1%) had a low vulnerability to stress; 21,1% had moderate vulnerability and 2,8% had a high vulnerability to stress. A tendency to higher vulnerability has been observed among women, faculty members less than forty years old, having no partners, reporting three or four fields of practice and not having a graduate degree.

Keywords: Teacher; academic studies; stress; worker health.

INTRODUÇÃO

Estresse é um fenômeno extremamente complexo que se configura em objeto de pesquisas no campo de várias profissões da saúde. Pode-se compreendê-lo como uma síndrome que envolve aspectos biopsicossociais. Surge quando o indivíduo lida com situações que podem ser tanto de extremo aborrecimento como de muita alegria. O estresse tem efeito cumulativo, pode ser agudo ou crônico, de pequena, média ou grande intensidade, estando ligado a estressores agradáveis ou desagradáveis. A definição do que é ou não estressor é subjetiva. A presença de estímulos estressores evoca no indivíduo avaliação cognitiva, respostas

do corpo biológico e reações emocionais, dentro de um contexto de representação social¹.

Todas as pessoas experimentam algum nível de estresse, que pode afetá-las de diferentes maneiras. Um certo grau de estresse é benéfico e estimula o desempenho geral, mas muito estresse pode ser prejudicial².

Os termos eutresse/distresse podem ajudar a perceber esta dicotomia de significação. Eutresse pode ser usado para designar o estresse decorrente de situações agradáveis ou de curta duração e distresse, em contrapartida, o estresse decorrente de situações ameaçadoras ou de lon-

ga duração. Pode-se ainda atrelar o termo eutresse a situações nas quais a quantidade de estímulos que suscitam respostas adaptativas é em número suficiente apenas para motivar o indivíduo para o desenvolvimento. Por outro lado, o termo distresse estaria vinculado à ausência ou excesso de estímulos (pressões). No primeiro caso, o indivíduo cairia na desmotivação e no tédio; no segundo, experimentaria opressão e exaustão, o que seria contraproducente¹.

Nesse sentido, o estresse pode ser saudável, pode produzir mudança, promover flexibilidade e transformação, além de ser um fator de risco para doenças³. É substancial o volume de estudos que apontam para a associação entre o estresse e os processos de manifestação de problemas de saúde^{2,4-6}.

As pessoas reagem diferentemente ao estresse, inclusive em termos de doenças^{6,7}. Dessa forma, é necessário desenvolver um modelo de atendimento em saúde que inclua um suporte à capacidade das pessoas para balancear os estressores e reações do estresse, para que os fatores de promoção da saúde sejam alcançados³. O profissional de saúde deve ajudar as pessoas a reformularem suas vidas, reduzindo as áreas geradoras de estresse^{4,8}.

A maneira como a pessoa lida com o estresse depende freqüentemente de crenças rígidas e profundamente enraizadas, baseadas em sua experiência. Há pessoas com altos índices de estresse e baixos índices de doenças que apresentam três características: controle, isto é, um sentido de propósito e de direção em suas vidas, compromisso em relação ao trabalho; *hobbies*, vida social ou família e desafio, que consiste em considerar as mudanças como normais e positivas, muito mais do que como ameaças².

Por outro lado, se a pessoa analisa que a situação ou estímulo é superior às suas capacidades e se estiver num período de vulnerabilidade, poderá haver efeitos deletérios do estresse.

Trabalhando a idéia de vulnerabilidade ao estresse, Bernik⁴ aponta fatores pessoais, familiares, sociais que estão envolvidos nesse fenômeno. Entre os fatores pessoais destacam-se características de personalidade (traço de ansiedade e traço de estresse), tipo de alimentação, dificuldade de expressar afeto, alto nível de perfeccionismo, baixo nível de pensamento construtivo. Além disso, indivíduos que se isolam estão sujeitos à maior dificuldade para superar o estresse⁹.

Quanto aos fatores relativos à família que aumentam a vulnerabilidade do indivíduo ao estresse, ressaltam-se falta de apoio dos membros entre si, falta de coesão e falta de afeto. Com relação aos fatores socioeconômicos que interferem na vulnerabilidade da pessoa ao estresse salientam-se: área e o contexto de atuação profissional, vigência de desemprego, empobrecimento, piora das condições de vida da população, condições de acesso aos serviços de saúde, entre outros⁹.

A suscetibilidade ao estresse ocorre quando existem características do modo de vida do indivíduo, de sua família e grupo social que tornam seus recursos adaptativos mais escassos. Na vigência de uma situação que requer esforço e que demanda adaptação, essa pessoa terá menos chance de retornar à homeostase⁴.

Fatores contribuintes para o estresse emocional são classificados como internos ou externos de acordo com a sua natureza⁸. Os estímulos internos são oriundos dos conflitos pessoais, os quais, em última instância, refletem sempre a tonalidade afetiva de cada um. Os estímulos externos, por sua vez, representam as ameaças concretas do cotidiano de cada um¹⁰.

Algumas pessoas parecem ter uma tendência crônica para se estressarem e esta se constitui em um quadro que inclui distorções cognitivas, isto é, um modo inadequado de pensar e avaliar os eventos da vida, expectativas ilógicas e exageradas, vulnerabilidades pessoais e comportamentos observáveis eliciadores de estresse. Inclui também uma hiper-reatividade fisiológica perante as demandas psicossociais, a qual pode ser gerada por uma hipersensibilidade do sistema límbico, conduzindo à produção excessiva de catecolaminas, testosterona e cortisol¹¹.

Os professores universitários se constituem em um grupo de trabalhadores reconhecidamente susceptíveis ao estresse⁸. Na Universidade Federal de Goiás, foi identificado que 73,6% dos docentes se sentem estressados¹², sendo que, na área de saúde, 61% dos professores apresentam estresse leve e 32% estresse moderado¹³.

A ocorrência de estresse ocupacional tem sido observada em todas as partes do mundo como um importante fator causal de morbimortalidade e de quebra entre a saúde mental e o bem-estar do trabalhador¹⁴.

Dando prosseguimento a investigações desse eixo temático, neste artigo aborda-se a

vulnerabilidade de docentes universitários ao estresse.

O presente estudo tem como objetivos: estimar a vulnerabilidade de docentes de uma universidade pública ao estresse e analisar a relação dessa vulnerabilidade com características sociodemográficas da amostra.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo desenvolvido entre professores da Universidade Federal de Goiás (UFG), lotados em unidades localizadas em Goiânia. Esta pesquisa está inserida num projeto maior intitulado *Percepção, vulnerabilidade e enfrentamento do estresse entre professores universitários* que foi aprovado pela direção das unidades acadêmicas e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG.

Essa instituição tem aproximadamente 1160 docentes. Nos meses de janeiro a abril de 2002, buscou-se contatar os docentes presentes nas respectivas unidades de lotação. Foram abordados pessoalmente todos os docentes encontrados e verificado o atendimento dos critérios de inclusão na amostra –trabalhar na universidade há mais de 2 anos e fazer parte do quadro efetivo. Convidou-se os mesmos a participarem da pesquisa. A amostra foi constituída por 71 professores que aceitaram participar do estudo, mediante consentimento livre e esclarecido.

Em data previamente combinada com os sujeitos, aplicou-se o instrumento de coleta de dados que constou de inquérito sociodemográfico e teste de vulnerabilidade ao estresse⁴, que foi desenvolvido pelos psicólogos Lyle H, Miller e Alma Dell Smith, do Centro Médico da Universidade de Boston.

O inquérito sociodemográfico abrangeu as seguintes variáveis: sexo, idade, estado civil, número de áreas de atuação e titulação.

O teste de vulnerabilidade ao estresse consiste em 20 perguntas que devem ser respondidas considerando cinco graus de ocorrência: 1= sempre; 2= quase sempre, 3= às vezes; 4= quase nunca e 5 = nunca. A somatória da pontuação das respostas varia de 20 a 100. Para análise dos resultados do teste, subtrai-se 20 do total de pontos obtidos. Até 29 pontos, considera-se *baixa vulnerabilidade*. Valores entre 30 a 49 expressam *moderada vulnerabilidade* ao estresse, sendo que

os escores entre 50 a 75 indicam *alta vulnerabilidade* e acima de 75 considera-se *extrema vulnerabilidade*. Não foram identificadas informações disponíveis sobre índices de validade, confiabilidade e do autor da tradução deste instrumento, o qual tem sido utilizado por Bernik⁴, estudioso da área de psiquiatria, como um método de avaliação para identificação de indivíduos propensos ao estresse.

A análise dos dados foi realizada por meio de procedimentos de estatística descritiva, isto é, cálculo da frequência absoluta e percentual, além da média aritmética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se que 76,1% dos participantes apresentam *baixa vulnerabilidade* ao estresse, com a média de escores igual a 24,4 pontos. A maioria deles afirma dar e receber afeto, ter uma boa rede de amizades, ter um ou mais amigos em quem podem confiar, ganhar dinheiro suficiente para as despesas fundamentais, fazer pelo menos uma refeição quente ao dia e ter um bom estado de saúde. Entretanto, nessa mesma Universidade, 73,8% dos docentes que participaram de outro estudo, realizado por Contaifer, Bachion, Yoshida¹², relataram sentirem-se estressados. Assim, pode-se inferir que a *baixa vulnerabilidade* não é suficiente para mantê-los imunes aos estressores.

A *moderada vulnerabilidade* ao estresse se apresentou em 21,1% dos docentes, sendo 25,9% para as mulheres e 20,5% para os homens. Houve dois casos (2,8%) de *alta vulnerabilidade* ao estresse. Trata-se de um homem e uma mulher que obtiveram escore maior que 75 pontos no teste de vulnerabilidade. Não foram detectados casos de *extrema vulnerabilidade* ao estresse.

A média de pontuação, nas diferentes faixas de vulnerabilidade, também não indicou diferenças marcantes entre homens e mulheres. A pontuação média para os homens na faixa de *baixa vulnerabilidade* foi de 20,9 pontos e para as mulheres foi de 21,6. Na faixa de *moderada vulnerabilidade*, as médias de pontuações para homens e mulheres foram muito próximas, sendo, respectivamente, 33,3 e 34,9 pontos. Quanto aos escores de *alta vulnerabilidade*, referentes a dois casos, as médias para esses valores atingiram 50 pontos para ambos os sexos.

A literatura¹⁵⁻¹⁷ aponta que as mulheres podem ser mais vulneráveis ao estresse que os ho-

mens por vivenciarem conflitos entre papéis: ser trabalhadora de uma instituição, além de ser mãe, dona-de-casa e esposa.

Em pesquisa realizada junto aos docentes da área da saúde, na mesma Universidade em que a presente pesquisa foi desenvolvida, verificou-se que as mulheres docentes atingem estados mais intensos de estresse¹³, o que justifica maiores estudos junto a essa população.

Os docentes com até 40 anos apresentaram maior vulnerabilidade ao estresse do que o restante do grupo (28,6%). O adulto jovem (18 a 40 anos) é “especialmente vulnerável ao estresse devido às suas altas aspirações pessoais, à sua falta de experiência e às grandes mudanças ocorridas em sua vida, com a família e as responsabilidades do trabalho”^{17:179}. Entretanto, os dois docentes mais velhos desta pesquisa, assim como os executivos mais velhos que participaram do estudo de Siu, Cooper, Spector, Donald¹⁷, identificam menos fontes de estresse, demonstrando melhor enfrentamento e maior *locus* de controle interno.

Os docentes que informaram não possuir companheiro apresentaram maior vulnerabilidade ao estresse em relação aos que têm companheiro. Entre os docentes que possuem companheiro, 77,8% revelaram *baixa vulnerabilidade*, 18,5% apresentaram *moderada vulnerabilidade* e 3,7 % *alta vulnerabilidade*. Entre os docentes sem companheiro, 70,6% possuem *baixa vulnerabilidade* e 29,4% *moderada vulnerabilidade* ao estresse. Vários estudos registraram que o estresse é melhor suportado quando se possui apoio e afeto^{8,9,15,16}.

Os docentes que relataram ter três ou quatro áreas de atuação apresentam maior vulnerabilidade ao estresse do que os demais. Esses docentes podem estar sofrendo com a ambigüidade de papéis que significa não possuir clareza quanto ao papel a ser desempenhado e priorizado¹⁵.

Entre os 62 professores com dedicação exclusiva, 75,8% apresentaram *baixa vulnerabilidade* ao estresse, 22,6% revelaram *moderada vulnerabilidade* ao estresse e 1,6% *alta vulnerabilidade*. Entre os nove docentes com regime de trabalho de 20 ou 40 horas, 77,8% demonstraram *baixa vulnerabilidade* ao estresse e 22,2% mostraram *moderada vulnerabilidade* ao estresse. Assim, parece não haver diferença de vulnerabilidade ao estresse em relação à carga horária de trabalho.

Os docentes que possuem somente título de especialista mostraram-se mais vulneráveis ao

estresse (40%) em comparação com os docentes que possuem mestrado e doutorado. O fato de os docentes terem cursado apenas especialização pode trazer para eles várias incertezas em relação à manutenção do emprego. Ainda lhes falta enfrentar processos seletivos para a realização de cursos de mestrado e doutorado, sem a garantia de que serão bem sucedidos. Além disso, o salário do professor que possui somente especialização é menor, em relação aos proventos dos docentes que têm mestrado e doutorado. Essas incertezas no trabalho, entre muitas outras, contribuem para a vulnerabilidade ao estresse¹⁵.

Quanto aos itens que influenciam a vulnerabilidade ao estresse, conforme a Tabela 1, aqueles em que os docentes obtiveram pontuação que leva à maior vulnerabilidade ao estresse foram: quase nunca cuidar de animais de estimação, fumo em quantidade maior que meio maço de cigarros, falta de prática de exercícios físicos regulares e falta de planejamento sistemático para tirar um tempo para si, durante o dia.

Entre os itens considerados fatores de proteção ao estresse para os docentes destacam-se, como se observa na Tabela 1, refeição equilibrada e quente, dar e receber afeto, boa saúde geral, rede de amizades, dispor de amigos em que se pode confiar, dispor de dinheiro para as necessidades fundamentais, ter parentes próximos em que se pode confiar, divertir-se pelo menos uma vez por semana, ter com quem falar dos problemas, ter convicções religiosas, ter o peso adequado para a altura, não ingerir café ou refrigerantes em excesso.

O suporte social funciona como moderador do estresse da vida. Inclui o suporte emocional (amar e ser amado, cuidar e ser cuidado, confiança mútua, ajuda mútua), suporte de estima (perceber-se estimado e valorizado) e rede de comunicação e obrigação mútuas (conhecer informações sobre os fatos que os cercam e ter disponível recursos para receber e dar ajuda, se necessário). Todos esses elementos do suporte social facilitam o enfrentamento de problemas pelo indivíduo^{8,9}.

O estilo de vida saudável neutraliza os efeitos dos estressores⁹. Assim, equilibrar as atividades físicas e o repouso, alimentar-se adequadamente, não fumar, não ingerir café, refrigerantes e bebidas alcoólicas em excesso pode contribuir para a manutenção da capacidade de adaptação e homeostase do organismo, o que se configura em fator de proteção contra as demandas de esforço, com as quais se convive no cotidiano.

TABELA 1: Média da pontuação obtida pelos professores universitários nos fatores predisponentes à vulnerabilidade ao estresse. Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO), 2002.

Item de avaliação da vulnerabilidade	Média* de pontuação obtida no item
Cuido de animal(s) de estimação	4,0
Fumo menos de meio maço de cigarros por dia	3,6
Faço exercícios físico até suar, pelo menos duas vezes por semana	3,1
Tiro algum tempo para mim mesmo durante o dia	2,8
Bebo menos de três xícaras de café (ou chá ou refrigerante) por dia	2,6
Frequento clubes ou tenho atividades sociais regulares	2,5
Consigo organizar o meu tempo eficientemente	2,5
Tenho peso adequado para a minha altura	2,3
Quando zangado ou preocupado, consigo falar a bertamente do que eu estou sentindo	2,3
Durmo de 7 a 8 horas, pelo menos quatro noites por semana	2,2
Minhas convicções religiosas me fortalecem	2,2
Discuto sempre com as pessoas que moram comigo os problemas domésticos, como por exemplo: dinheiro, empregados, coisas do dia-a-dia	2,1
Divirto-me pelo menos uma vez por semana	2,1
Num raio de 100km, tenho pelo menos um parente em que posso confiar	2,1
Ganho dinheiro suficiente para as despesas fundamentais	1,9
Tenho um ou mais amigos a quem posso confidenciar assuntos pessoais	1,8
Possuo uma rede de amizades	1,7
Minha saúde vai bem (inclusive visão, audição e dentição)	1,7
Dou e recebo afeto	1,6
Faço pelo menos uma refeição quente e equilibrada por dia	1,2
Média da pontuação obtida no total	24,4

* 1 = sempre; 2 = quase sempre; 3 = às vezes; 4 = quase nunca; 5 = nunca.

Apesar da maioria dos docentes que participou da pesquisa ter obtido escores de *baixa vulnerabilidade* ao estresse, alguns comportamentos na área de promoção de saúde podem ser adotados, tais como a diminuição ou abolição do fumo, aumento da prática de exercícios físicos regulares, cuidar de animais ou plantas e dispor de um tempo para si durante o dia. Tais atividades constituem estratégias de enfrentamento que podem atenuar o estresse e assim aumentar a resistência do organismo para seu enfrentamento⁸.

CONCLUSÃO

Este estudo indica que a maioria dos professores universitários apresentou *baixa vulnerabilidade* ao estresse. Entretanto é necessário ressaltar que essa condição não é sinônimo de ausência de estresse, mas uma capacidade maior de lidar com os estressores. Verificou-se ainda

que a quinta parte dos professores revelou *moderada vulnerabilidade* ao estresse, enquanto que um reduzido grupo apresentou alta vulnerabilidade ao estresse. Nenhum professor, entre os analisados, demonstrou *extrema vulnerabilidade* ao estresse. No geral, estes achados sugerem que os participantes apresentam fatores pessoais, familiares e sociais que lhes conferem maiores recursos adaptativos e capacidade de enfrentamento do estresse.

Não houve diferenças significativas dos níveis de vulnerabilidade ao estresse entre homens e mulheres e entre os docentes com regime de trabalho de dedicação exclusiva ou 20 a 40 horas semanais. Os docentes que apresentaram moderada vulnerabilidade ao estresse foram aqueles na faixa etária de menos de 40 anos e até 59 anos e os que não possuem companheiros, destacando-se os que atuam em três ou quatro áreas e os que possuem apenas o título de especialista.

Dada a magnitude do estresse e sua relação com a saúde das pessoas, acredita-se que estudos acerca deste tema deveriam ser desenvolvidos nas organizações, de modo a fornecer subsídios para políticas de qualidade de vida no trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Bachion MM, Peres AS, Belisário VL, Carvalho EC. Estresse, ansiedade e *coping*; uma revisão dos conceitos, medidas e estratégias de intervenção voltadas para a prática de enfermagem. Rev Mineira Enferm 1998; 2(1):33-9.
2. Powell T. Vivendo sem stress. Tradução de Bia Assis. São Paulo: Vitória Régia; 2000.
3. Esch T. Gesund im stress: der wandel des stresskonzeptes und seine bedeutung für prävention, gesundheit und lebensstil. Gesundheitswesen 2002; 64(2): 72-81.
4. Bernik V. Stress: o ponto de ruptura. Jovem Médico 1997; 5: 305-11.
5. Yang EV, Glaser R. Stress-induced immunomodulation and the implication for health. Int Immunopharmacol 2002; 2(2-3): 315-24.
6. Mello Filho J, Eksterman A, Hoirish A, Mello AM, Kahtalian A, Lemle A et al. Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artes Medicas; 1992.
7. Bowman ML. Individual differences in posttraumatic distress: problems with the DSM-IV model. Can J Psychiatry 1999; 44(1): 21-33.
8. Lipp MEN, organizadora. O stress do professor. Campinas: Papyrus; 2002.
9. Smeltezer SC, Bare BG. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2000. 4v.
10. Ballone GJ. Curso sobre estresse. [site disponível de Internet] Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/cursos/stress1.html>. Acesso em 15 nov. 2002.
11. Lipp MEN. Estresse emocional: a contribuição de estressores internos e externos. Rev Psiquiatria Clín 2001; 28(6):347-9. [site disponível de Internet] Disponível em: <http://www.hcnet.uso.br/ipq/revista/index.html>. Acesso em 03 mar. 2003.
12. Contaifer TRC, Bachion MM, Yoshida T. Estresse em professores universitários. In: Anais da 53ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; 2001, Salvador, Brasil. Salvador (BA): Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; 2001. CDROOM.
13. Contaifer TRC, Bachion MM, Yoshida T, Souza JT. Estresse em professores da área de saúde. Rev Gaúcha Enferm 2003; 24(2):215-25.
14. Stacciarini JMR. Estresse ocupacional, estilos de pensamento e *coping* na satisfação, mal-estar físico e psicológico dos enfermeiros [tese de doutorado]. Brasília (DF): Universidade de Brasília; 1999.
15. França ACL, Rodrigues AL. Stress e trabalho. Guia básico com abordagem psicossomática. São Paulo: Altas; 1999.
16. Atkinson LD, Murray ME. Fundamentos de enfermagem. Introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1989.
17. Siu O, Cooper CL, Spector PE, Donald I. Age differences in coping and locus of control: a study of managerial stress in Hong Kong. Psychol Aging 2001; 16: 707-10.

VULNERABILIDAD AL ESTRÉS ENTRE PROFESORES DE UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA

RESUMEN: Cuando una persona está en un periodo de vulnerabilidad, podrá sufrir efectos deletéreos del estrés. Este estudio objetivó estimar la vulnerabilidad al estrés entre los profesores universitarios y estudiar la relación entre vulnerabilidad y algunas características sociales y demográficas de los docentes. Participaron 71 profesores de una universidad pública del centro – oeste. Fue aplicado averiguación socio-demográfica y escala de vulnerabilidad al estrés. Entre los docentes, 76,1% presentó “baja vulnerabilidad” al estrés, 21,1% presentó moderada vulnerabilidad y 2,8% presentó “alta vulnerabilidad” al estrés. Aunque la diferencia no sea marcante, percibimos tendencia a la mayor vulnerabilidad entre las mujeres. Docentes hasta 40 años, que no poseen compañeros, que relatan tener 3 o 4 áreas de actuación y que poseen solamente especialización se mostraron mas vulnerables al estrés.

Palabras clave: Docente; enseñanza universitaria; estrés; salud del trabajador.

Recebido em: 19.05.2004

Aprovado em: 03.03.2005

Notas

* Doutora em Enfermagem, Professora Titular da Faculdade de Enfermagem – Universidade Federal de Goiás (UFG).

** Acadêmicos do quinto ano de graduação da Faculdade de Enfermagem - UFG